

# Mapeamento das práticas comunicacionais radiofônicas como terapia psicossocial nos serviços de saúde mental no Brasil\*

Danielle Barros Silva Fortuna<sup>†</sup>  
Valdir de Castro Oliveira<sup>‡</sup>

## Índice

Introdução . . . . .	2
1 Oficinas Midiáticas como Terapia Psicossocial: Comunicação para a Cidadania . . . . .	5
2 Abordagem Metodológica . . . . .	7

---

\*Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que visa investigar uma *webrádio* que desenvolve oficinas radiofônicas com usuários de saúde mental em um serviço de saúde na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. O artigo foi originalmente publicado e apresentado no XI Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC). GT 5– Comunicación y Salud. Montevideo – Uruguay, maio de 2012.

<sup>†</sup>Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), especialista em Ensino de Biociências e Saúde (Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz), mestranda em Informação e Comunicação em Saúde no Programa de Pós-graduação do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (ICICT) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: [danbiologa@gmail.com](mailto:danbiologa@gmail.com).

<sup>‡</sup>Doutor em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação em Saúde no Programa de Pós-graduação do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (ICICT) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Brasil. E-mail: [valdirco@yahoo.com.br](mailto:valdirco@yahoo.com.br).

3	Resultados e Discussão dos Resultados . . . . .	8
	Conclusão . . . . .	16
	Bibliografia . . . . .	18

### Resumo

Este trabalho teve como objetivo fazer um mapeamento das experiências radiofônicas utilizadas como práticas terapêuticas psicossociais desenvolvidas nos serviços de saúde mental no Brasil. A nossa hipótese foi a de que essas oficinas propiciam novos modos de cuidado em saúde mental na perspectiva das estratégias contemporâneas antimanicomiais. A justificativa foi a de que as experiências com a utilização de oficinas de rádio como terapia psicossocial a usuários de saúde mental têm sido relatadas, porém as informações a este respeito – onde ocorrem, metodologias e resultados – encontram-se dispersas na literatura com o propósito de fazer um mapeamento dessas experiências analisando onde elas ocorrem, quais atores envolvidos e que tipo de procedimento pedagógico são utilizados nestes processos. O mapeamento realizado concentrou-se nas experiências de terapias comunicacionais realizadas através de rádio (em ondas eletromagnéticas, oficinas em estúdio em circuito interno e webrádio).

**Palavras-chave:** Comunicação, Informação, Saúde Mental, Rádio, *Webrádio*.

### Introdução

**A** CONSTRUÇÃO do campo da Saúde mental no Brasil teve início através da implantação de políticas de saúde marcadas pelo Alienação, caracterizado pela exclusão social (Oliveira & Melo Júnior, 2011). Até os anos 80, o atendimento psiquiátrico foi pautado pela crença na loucura como forma de doença e, assim, para seu tratamento são utilizados diversos mecanismos que objetivam trazer o indivíduo à realidade, por meio de práticas de violência e confinamento (Amarante, 2007).

Os maus tratos sofridos pelos pacientes durante o tratamento psiquiátrico e as más condições de trabalho aos profissionais do setor,

propiciaram um espaço para a reflexão por uma possível Reforma Psiquiátrica que ampliasse o conceito de doença mental e humanizasse os tratamentos nessa área.

Influenciada principalmente pelos modelos europeus, a Reforma Psiquiátrica no Brasil, teve início a partir da década de 1970, período em que foi desencadeado o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) com o objetivo de protagonizar a luta em prol da reforma da assistência psiquiátrica nacional (Amarante, 2007). Na década de 1980, houve a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) e a criação do primeiro Centro de Atenção Psicossocial<sup>1</sup> (CAPS). A atual política de saúde mental brasileira tem como pilares os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e as diretrizes da Reforma Psiquiátrica, que preconizam o resgate da cidadania do sujeito portador de sofrimento psíquico, tendo como meta sua reinserção social, buscada através de um modo psicossocial de cuidado em saúde mental. Dessa forma, surgiu a política de redução dos leitos hospitalares localizados nos hospitais psiquiátricos tradicionais e implantação concomitante de recursos terapêuticos substitutivos do aparelho manicomial, inclusive as terapias psicossociais (Ribeiro, 2003).

Nesse sentido, dentro das estratégias contemporâneas antimanicomiais, as oficinas terapêuticas psicossociais têm um papel de destaque e engloba numerosas possibilidades, como: artesanato, musicalização, teatro, capoeira, artes plásticas, comunicação, entre outras. Neste contexto, surgiram as oficinas midiáticas como terapia psicossocial.

As oficinas midiáticas consistem em encontros geralmente na própria unidade de saúde (CAPS), onde os pacientes desenvolvem a produção e apresentação de programas utilizando mídias: rádio, *webrádio*, TV e/ou produção de vídeos. Em geral, essas oficinas têm como objetivos promover a socialização e desenvolver as habilidades comunicacionais dos participantes e, simultaneamente, sensibilizar as pessoas nos ambientes sociais em que estão inseridos para superar o estigma em torno

---

<sup>1</sup>De acordo com Gadelha, Paiva (s.d.) os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) objetivam acolher diariamente os pacientes portadores de transtorno mental com um projeto terapêutico personalizado, estimular sua integração familiar e reinserção social através do acesso ao trabalho, lazer e direitos civis para assim fortalecer os laços familiares e comunitários.

das questões relacionadas com a saúde mental. (Fortuna & Oliveira, 2011).

De acordo com Amarante e Lima (2008), há uma demanda por informações acerca das terapias substitutivas em saúde mental que valorizem a arte e cultura no Brasil. Embora algumas experiências de oficinas midiáticas tenham sido relatadas, porém as informações a este respeito – onde ocorrem, metodologias e resultados – encontram-se dispersas na literatura. Através de um estudo anterior (Fortuna & Oliveira, 2011), em que fizemos uma identificação preliminar das oficinas midiáticas comunicacionais como terapia psicossocial nos serviços de saúde mental no Brasil, foi possível localizar um número significativo de experiências de práticas terapêuticas comunicacionais no âmbito dos serviços de saúde mental através de oficinas de rádio, *webrádio*, TV, oficinas de fotografia, construção de jornal, *sites* e produção de vídeos. No entanto, neste artigo, dentro do universo de práticas psicossociais com usuários de saúde mental que utilizam mídias comunicacionais, concentramos-nos apenas no mapeamento das experiências de terapias realizadas através de oficinas de rádio (em ondas eletromagnéticas, oficinas em estúdio de circuito interno e em *webrádios*). Assim, o objetivo deste artigo consistiu em fazer um mapeamento dessas experiências com as seguintes perguntas de pesquisa: a) Em que espaços ocorrem as oficinas radiofônicas como terapia psicossocial nos serviços de saúde do Brasil? b) De que forma (por quais processos pedagógicos) essas oficinas são desenvolvidas com os usuários? c) De que forma essas oficinas contribuem para o usuário e ao movimento da reforma psiquiátrica?

Para responder às nossas perguntas fizemos um mapeamento específico no âmbito dos serviços de saúde mental das experiências de terapias comunicacionais através dos seguintes meios: a) experiências de rádio transmitidas em ondas eletromagnéticas; b) oficinas radiofônicas realizadas em estúdio sem veiculação externa e c) *webrádio*.

Partimos da premissa de que todas estas experiências podem trazer uma contribuição positiva nos processos terapêuticos de ressocialização dos usuários dos serviços de saúde mental por propiciarem espaço de mediações e comunicação dialógica entre os usuários-participantes, profissionais de saúde, familiares e comunidade.

## 1 Oficinas Midiáticas como Terapia Psicossocial: Comunicação para a Cidadania

De acordo com Moreira (2008) em pesquisa sobre a *TV Pínel* e a Rádio *Maluco Beleza*, a comunicação tem papel fundamental no processo de mobilização social, para a ressocialização de pessoas marginalizadas ou excluídas. Algumas experiências vem sendo desenvolvidas junto a doentes mentais do país, visando ampliar a participação e o capital social das pessoas envolvidas. A relação entre a comunicação, a cidadania, o tratamento mental e as políticas públicas, que contemplem a comunicação como parte integrante dos cuidados em saúde mental, convergem para o empoderamento que tais veículos de comunicação podem propiciar aos usuários, participantes destas práticas comunicacionais.

Segundo Oliveira (2010), com a evolução tecnológica, foi possível criar novos espaços de comunicação, através da transmissão radiofônica pela Internet através das chamadas *webrádios*<sup>2</sup> que podem ser facilmente implantadas sem a necessidade de licença prévia nem da tutela do Estado, para autorizar o seu funcionamento, fato que potencializa a democratização da comunicação.

Moreira (2008) problematiza esta questão, quando afirma que estes novos espaços conquistados, por vezes denominados “alternativos”, demonstram um certo distanciamento da cidadania, uma vez que, “de certa forma, a denominação de ‘alternativos’ para os veículos realizados por eles [usuários em saúde mental], demonstra o distanciamento da cidadania plena, ainda utópica, pela ausência de democratização da mídia”. Nesse sentido, afirma o autor, “o caminho que ora se apresenta ainda é a mídia alternativa realizada por e para minorias, que nem sempre, ou na maioria das vezes, são retratados corretamente pela grande mídia”. O autor defende que a democratização da comunicação é algo necessário e urgente, para construirmos uma sociedade mais justa e igualitária onde a comunicação seja um direito fundamental e essencial à construção de cidadania (Moreira, 2008).

---

<sup>2</sup>As *webrádios* são aquelas transmitidas exclusivamente pela internet e cujo número e diversidade de experiências tende a crescer pelas facilidades tecnológicas e a popularização da internet. Há uma discussão se o *web* pode ser chamado de rádio, segundo Oliveira (2010), qualquer que seja o caso ou modelo de transmissão radiofônico, o que caracteriza o rádio é a interação por ele propiciada, levando em conta a sua principal característica, o som.

John Downing (2002) denomina esses meios de “mídia radical”, que engloba uma variedade de formatos como o grafite, o cartum, o teatro de rua, a música, experiências comunicativas na internet, entre outros e consiste em atitudes que expressam uma visão alternativa às imposições hegemônicas.

Peruzzo (s.d.) afirma que estas formas de comunicação encontram-se presentes nas práticas de movimentos populares e manifestações que objetivam promover a conscientização, a organização e ação de classes subalternas que “em última instância, pretendem ampliar a conquista de direitos de cidadania, não somente para pessoas individualmente, mas para o conjunto de segmentos excluídos da população”. Na idéia da autora, o direito à comunicação não é meramente ter acesso à informação, mas também ser protagonista para pautar e emitir conteúdos. De acordo com Peruzzo, estamos diante de “uma outra comunicação” que tem ganhado expressividade nessas últimas décadas. Contudo, essa comunicação não chega a ser uma força predominante, mas “desempenha um papel importante de democratização da informação e da cidadania, tanto no sentido da ampliação do número de canais de informação e na inclusão de novos emissores como no fato de se constituir em processo educativo”, ressalta a autora, “não só pelos conteúdos emitidos, mas pelo envolvimento direto das pessoas no que *fazer* comunicacional e nos próprios movimentos populares”.

Nesse sentido, Mello (2001), afirma que embora o rádio tenha o potencial de mobilizar pessoas e custo mais baixo de produção em relação que a TV, isto não é o suficiente para garantir que minorias, como os portadores de sofrimentos psíquicos, apropriem-se deste espaço. Para a autora, é preciso criar veículos de comunicação ou, pelo menos, programas que rompam com o sistema vertical de comunicação das grandes redes de informação que monopolizam a versão pública dos fatos. Criar formas alternativas de comunicação que promovam a cidadania, visem à conscientização, e constituam um aporte para a mobilização e o fortalecimento de um grupo ou movimento social, segundo a autora, a comunicação comunitária contribui para isso.

Albuquerque e Stotz (2004), partindo do conceito ampliado de saúde proposto pela Carta de Ottawa, que prioriza a promoção da saúde e a valorização das condições do sujeito em seus diversos aspectos (moradia, justiça social, alimentação, qualidade de vida, renda, garantia à

educação, entre outros), destacam a importância que ações em saúde se pautem na valorização do saber do outro, entendendo que o conhecimento é um processo de construção coletiva, destacando como fundamental a participação comunitária. Este tipo de ação educativa do qual os autores relatam, diz respeito à Educação Popular, um movimento que surgiu fundamentado nas idéias do educador Paulo Freire, que defendia uma educação enquanto prática libertadora voltada à construção de uma consciência crítica e forma de intervenção no mundo. Os autores destacam a importância da obra do educador e citam o livro “Pedagogia do Oprimido” como uma das raízes desse tipo de educação popular. Além disso, destacam o potencial da educação popular como um processo contínuo, dialógico, de construção coletiva, possibilitando o entendimento de ações de saúde como ações educativas.

## 2 Abordagem Metodológica

A partir dos resultados de um estudo de identificação preliminar das práticas comunicacionais relatadas na literatura científica no Brasil (Fortuna & Oliveira, 2011), no escopo deste trabalho, nos aprofundamos em mapear as experiências de terapias comunicacionais realizadas somente através de rádio (em ondas eletromagnéticas, oficinas em estúdio sem veiculação externa e *webrádio*) com usuários de serviços de saúde mental do Brasil (sendo este o critério de inclusão). Como critério de exclusão, foram descartadas as publicações que relatavam experiências com outras mídias por não atenderem o escopo da amostra.

Realizamos pesquisa bibliográfica a partir de fontes secundárias na literatura científica. Utilizamos pesquisa nas bases de dados “LILACS” e “SciELO”, e mecanismo de busca na internet “Google” e “Google Acadêmico”, portal do Ministério da Saúde (documentos, legislação, relatórios) e anais de eventos científicos. A escolha por esses instrumentos foi em decorrência de sua adequação para obtenção do objetivo proposto. Foram também consultadas as referências bibliográficas citadas nas publicações. Os seguintes termos foram utilizados: “oficinas terapêuticas e saúde mental”, “psicossocial e saúde mental”, “rádio e saúde mental”, “*webrádio* e saúde mental”, compreendendo o período de 1994 a 2011. Com base nos resultados, analisamos o título e o resumo para avaliar a adequação ou inadequação, de cada publicação à nossa pesquisa.

As oficinas de rádio e *webrádios* encontradas foram quantificadas e alguns de seus aspectos foram analisados qualitativamente. As oficinas midiáticas foram quantificadas e um quadro foi estruturado para sistematizar didaticamente as experiências mapeadas por esta pesquisa.

### 3 Resultados e Discussão dos Resultados

A partir dos descritores utilizados, foram encontradas 63 publicações. Destas, 48 foram descartadas segundo o critério de exclusão, foram selecionadas 15 publicações que relatavam experiências com uso de oficinas de rádio como terapia psicossocial nos serviços de saúde no Brasil.

As oficinas radiofônicas realizadas com usuários em saúde mental descritas na literatura foram<sup>3</sup>: Rádio *Tam Tam* (SP), Programa *Maluco Beleza* (SP), *Papo-cabeça* (SP), *Papo Cabeça* (RS), *Coletivo Potência Mental* (RS), *Rádio da gente*-BA (Hayne, 2004) e *Ondas Parabolínicas* (SP). Além dessas, outras experiências de oficinas radiofônicas foram encontradas, porém somente em algumas citações, sem registros mais detalhados das atividades: Rádio *Antena Virada* em Paracambi – RJ (Amarante, 2007; Calicchio, 2007); Rádio *Revolução* – RJ (*webrádio*) (Albuquerque, Stotz, 2004), Projeto e rádio *Lokomotiva* em Natal – RN (Guerrini Jr, 2009; Streppel, 2011); *Delírio Coletivo (webrádio)* (Francisco, 2009); *De perto ninguém é normal* – RS (Mello, 2001; UFSM, 2005), Rádio *Trovão* em Praia Grande – RS; Programa *Cuca Legal* desenvolvido no CAPS Nossa Casa em São Lourenço do Sul – RS na Rádio Comunitária Vida FM; Rádio FMIL em Santo Ângelo – RS com usuários do CAPS Santo Ângelo (Streppel, 2011), *Rádio Saúde* – RS (Romagnolli, 2008). Essas experiências, ainda que apenas citadas, foram quantificadas no estudo.

Guerrini Jr (2009) apresenta em uma tese de doutorado um estudo comparativo de três experiências com programas de rádio “produzidos por pessoas com transtornos mentais no Estado de São Paulo”, a Rádio *Tam Tam*, o programa *Maluco Beleza* e a série *Papo Cabeça*. Segundo o autor, a primeira experiência registrada no Brasil, foi a Rádio e TV *Tam Tam*, veiculado em emissoras comerciais, localizada em Santos, São

<sup>3</sup>Listagem com informações detalhadas das experiências com oficinas midiáticas encontradas constam no Quadro 1. Na lista constam as 16 experiências nas quais obtivemos o maior número de informações.

Paulo, com usuários em saúde mental da Casa de Saúde Anchieta. O projeto foi idealizado por Renato Di Renzo e durou de 1990 a 1999. A partir desta experiência, outras iniciativas semelhantes surgiram, como o programa semanal *Maluco Beleza*, que teve o início das atividades a partir do ano 2000 e vai ao ar semanalmente pela Rádio Educativa de Campinas, emissora mantida pela prefeitura desse município. A terceira experiência relatada pelo autor ocorreu na Rádio Cultura de Amparo, o programa *Papo Cabeça*, que consistiu em uma série de dez programas com uma hora de duração cada, transmitida de 2004 a 2005, portanto já encerrada. De acordo com Guerrini Jr, (2009), as menções em livros e artigos sobre essas experiências eram muito sucintas, e não esclareciam maiores detalhes, como por exemplo, se teriam acontecido realmente um programa de rádio ou apenas uma simulação de programa de rádio. Uma das principais constatações no estudo comparativo é que o autor havia utilizado no quadro teórico do seu projeto inicial, a contextualização dessas experiências de rádio dentro do âmbito das “rádios públicas”, contudo, verificou que a Rádio *Tam Tam*, a pioneira e que se manteve por nove anos no ar, era emitido por emissoras comerciais. Para o autor, “esse longo período no ar pode ser tomado como prova de que o programa teve grande êxito, e devia dar lucro às emissoras: de outra forma não teria passado de uma experiência passageira, de vida bem curta”. De acordo com o autor, uma possível explicação é que, vinte anos atrás, mesmo nas emissoras comerciais, havia um pouco mais de espaço para experimentações, o que não se verificaria na contemporaneidade, pelo caráter conservador das emissoras. Em suas considerações finais o autor afirma que a pesquisa estimulou a reflexão sobre as profundas alterações no tratamento às pessoas com transtornos mentais do século passado até os dias atuais, e o quanto estas experiências de produção de programas de rádio (inseridos no contexto mais amplo, da Reforma Psiquiátrica brasileira) proporcionou aos participantes a oportunidade de trabalharem e de se mostrarem para um público de milhares de pessoas. Segundo o autor, a auto-estima proporcionada, a capacidade de lutar pelos próprios direitos e de se reinserir como cidadãos na sociedade são benefícios evidentes dessa atividade, e completa “pareceu muito claro o alcance dessa terapia”.

Fachini e Carmo-Roldão (2008) relatam a experiência da rádio *Maluco Beleza*, feito por usuários do Serviço de Saúde Dr. Cândido Fer-

reira, em Campinas, São Paulo. A pesquisa buscou demonstrar como é na prática, a produção dos programas, através da descrição dos programas exibidos nos cinco primeiros anos de existência dos mesmos. Segundo os autores, como principais resultados, foi verificado que o programa apresenta uma pluralidade de temas, o que demonstra liberdade na escolha dos assuntos, este fato contribui para que os programas expressem a identidade dos próprios usuários, além de colocar em evidência a problemática da saúde mental. Além disso, utilizando o formato jornalístico, contribui também ao apontar “uma nova visão no modo de tratar os pacientes da saúde mental em uma luta constante pelos direitos humanos e combate ao preconceito; contribuindo, assim, para o resgate da cidadania desses usuários”. No entanto, os autores constataram uma fragmentação no processo de produção. Se, por um lado, a elaboração do programa na reunião de pauta começa de forma riquíssima, finalizado esse primeiro encontro, o sentido de unidade do projeto começa a se diluir, pois cada usuário executa, individualmente, as tarefas que ficaram sob sua responsabilidade, designadas a cada um, na reunião de pauta. De acordo com os autores, não há um momento em que os usuários se reúnam para conversar sobre o programa produzido, tampouco entram em contato com o produto final do seu trabalho, a não ser que ouçam a edição semanal pela Rádio Educativa. Apenas disso, em suas considerações finais, afirmam que foi verificado que existe uma relação de companheirismo e amizade entre os usuários e os profissionais envolvidos com o projeto. De acordo com os autores, os dados coletados permitem afirmar que a oficina de rádio tem contribuído para o tratamento médico que os usuários recebem na unidade de saúde no Cândido Ferreira. Esta oficina demonstra uma nova forma de tratamento aos usuários de saúde mental, que almejam superar a falta de direitos humanos e combater o preconceito, tudo isso contribui para o resgate da cidadania desses usuários. É um exemplo, afirmam os autores, “de como a comunicação pode ser usada no processo de transformação social”.

A experiência da oficina de rádio *Ondas Paranóicas* foi descrita por Sousa (2005). Este programa foi veiculado pela emissora comunitária Rádio Cidadã, em São Paulo entre os anos de 1995 e 1997. O programa é produzido pelos usuários da Associação Franco Basaglia, uma Organização não-governamental que funciona no Centro de Atenção Psicos-

social (CAPS) do município. Os assuntos tratados nos programas são variados: política, música, poesia, saúde mental, entrevistas gravadas e conversas com os ouvintes. Vale destacar que os participantes tem a oportunidade de mostrar seus talentos: recitar poesias, tocar músicas, contar suas histórias, fazer reportagens, etc. Para participar da produção dos programas primeiro é preciso passar por uma oficina onde aprendem técnicas da linguagem radiofônica (como criar pauta, aprimorar expressão oral, como realizar entrevistas, entre outros). Segundo os coordenadores do programa de rádio (composto por um psicólogo e uma psicopedagoga), a função da oficina radiofônica é terapêutica e comprovadamente eficaz.

Mello (2001) apresenta um relato sobre a experiência de oficina de rádio criado em 1999, o programa *Papo-Cabeça*. Esta oficina está fundamentada em três pilares teóricos para seu desenvolvimento: o rádio como espaço a ser ocupado por grupos sociais excluídos; o segundo diz respeito a importância da comunicação comunitária visando a promoção da cidadania e da sociabilidade de um grupo que ainda luta contra o preconceito social; o terceiro traz elementos que apresentam as oficinas como um espaço terapêutico para os portadores de sofrimento psíquico que rompa com o modelo asilar de tratamento da loucura. A proposta para realização da oficina de rádio para usuários de serviço de saúde mental foi sugerida pelo CAPS – Centro de Atendimento Psicossocial de Santa Cruz de Sul (RS) – ao curso de Comunicação Social da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul). A oficina é realizada semanalmente às quintas-feiras, com duração de uma hora e meia, onde os pacientes desenvolvem a produção e apresentação do programa que é veiculado quinzenalmente numa rádio comercial local (Rádio Gazeta 1180 AM), aos domingos, das 19h30min às 20h. Mello constatou que os encontros semanais funcionaram como um espaço de socialização entre os participantes, e que a experiência também serviu para desenvolver melhores habilidades comunicacionais entre os usuários. Outro fator em destaque é que o número de internações psiquiátricas diminuiu durante a realização das oficinas de rádio. Alguns usuários abandonaram a oficina por terem voltado a trabalhar, fato considerado extremamente positivo pelos profissionais de saúde do CAPS. A oficina desenvolve-se da seguinte maneira: “num encontro planeja-se o programa, com a definição do assunto, do entrevistado, dos quadros, quem é o responsá-

vel por trazer a receita e a poesia, etc. Na semana seguinte grava-se o programa com a locução dos próprios pacientes”, tudo isso “a partir de um roteiro redigido por um estudante de jornalismo que é bolsista do projeto”. Segundo a autora, até o momento pode-se dizer que o objetivo principal do programa, que é desenvolver uma oficina de rádio visando a uma atividade terapêutica e laboral para os usuários do CAPS, foi alcançado. Foi realizada uma avaliação, onde os usuários do CAPS reiteraram a importância da oficina para a sua recuperação e manutenção da saúde mental, todos disseram gostar da atividade ressaltando como principal benefício o fato de terem ali uma ocupação. Alguns pacientes disseram participar da oficina porque poderia falar na “Gazeta”, fazendo uma referência ao fato do programa ser veiculado numa rádio local que é a emissora comercial de maior audiência na cidade. Dessa forma, eles sentem-se, com isso, mais valorizados socialmente.

A oficina radiofônica denominada *Coletivo de Rádio Potência Mental* foi descrita por Gorczewski, Palombini e Streppel (2009); Palombini, Cabral e Belloc (2008) e Streppel (2011). Esta oficina surgiu em 2006, através da iniciativa de um grupo de residentes em Saúde Mental Coletiva, em associação com usuários de serviços da rede de saúde mental da cidade de Porto Alegre, que, inspirados pelos trabalhos da Rádio La Colifata, de Buenos Aires, e Nikosia, em Barcelona, produzem um programa radiofônico transmitido na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro (FM 87,9), situada na periferia sul da cidade. O programa está inserido na grade de programação da rádio, composta por programas musicais, informativos, de entretenimento, religiosos, entre outras temáticas e modalidades radiofônicas. É dentro do quadro “Comunidade em Ação” que acontece a intervenção do “Potência Mental em Ação”, que vai ao ar quinzenalmente, às sextas-feiras das 10hs às 10h30min. Diferentemente de outros programas citados, realizados nos serviços de saúde do Brasil, de acordo com Palombini, Cabral, Belloc (2008), “o *Potência Mental* tem existência fora do contexto institucional dos serviços de saúde mental de onde provêm os usuários que dele participam, o que possibilita maior fluidez e horizontalidade nas relações entre os integrantes do grupo”. Os participantes do programa reúnem-se semanalmente para preparação dos programas. Nesses encontros é privilegiado o tempo das conversações, frutos das vivências cotidianas, narradas pelos participantes, e a partir delas, emergem os temas e pautas

a serem abordados nos programas. A cada encontro, um de seus participantes fica encarregado de produzir um relato escrito da reunião. Esses relatos vão constituindo uma memória coletiva do grupo. Em suas “(in)conclusões”, Gorczewski et al (2009), afirmam que a experiência “sugere a emergência de saberes e práticas para a invenção e produção de sentidos de convivência com as diferenças” que podem configurar propostas nas áreas de saúde mental e comunicação social” distintas das perspectivas homogeneizantes, “fornecendo subsídios para inclusão de tecnologias de informação e comunicação na formulação e implementação de políticas de saúde e comunicação, tendo como perspectiva um alargamento das potências de vida na cidade”.

Hayne (2004) divulgou, através do jornal-mural fruto de uma disciplina do curso de jornalismo, a experiência vivenciada *Rádio da Gente*, no Hospital Juliano Moreira, em Salvador, Bahia. A rádio surgiu em 1996 com a intenção de divulgar os acontecimentos internos do hospital e o nome da rádio foi escolhido através de votação entre os pacientes. De acordo com a assistente social que fundou o projeto, Edna Nonato, a rádio estimulou os pacientes a falar ao microfone “o que não falavam nem para os médicos. Com a experiência, vários deles tiveram seus diagnósticos mudados e muitos tiveram parte da doença curada”. De acordo com a assistente social, o rádio propiciou a integração dos usuários com as pessoas da comunidade e a família. Segundo o Paulo Souza, doutor em psiquiatria e psicoterapia, a rádio é muito importante para difundir idéias e contribui na integração, pois na medida em que é um meio que educa e informa, já tem um sentido terapêutico. Contudo, o médico alerta que a rádio não é a única responsável pela cura, ela atua como mais um fator de tratamento que, juntamente com os psiquiatras e elementos convencionais, acelera a recuperação.

Em um breve texto na página de notícias da Universidade Federal de Santa Maria, RS, a experiência *De Perto Ninguém é Normal* é relatada. O programa vai ao ar através da Rádio Universidade 800 AM, às segundas-feiras, quinzenalmente. O programa é fruto de um projeto de estágio de estudantes de psicologia da UFSM, é produzido e apresentado por usuários do Centro de Atendimento Psicossocial – CAPS Prado Veppo, da Prefeitura Municipal de Santa Maria, numa parceria com o Curso de Psicologia da universidade. O programa já foi veiculado na Rádio Universidade nos anos de 1999 e 2000, foi desativado,

retornando em 2005, a partir da iniciativa das estudantes e de alguns usuários que participavam do programa e hoje fazem acompanhamento no CAPS. Assim como as demais experiências descritas, um dos objetivos da rádio é oportunizar a expressão de pessoas com sofrimento psíquico (UFSM, 2005).

Das 16 experiências encontradas envolvendo a utilização de oficinas midiáticas radiofônicas com usuários nos serviços de saúde no Brasil (rádio, *webrádio*, oficinas de circuito interno) relatadas na literatura científica, 3 experiências de oficinas radiofônicas veiculadas em rádios comerciais, 3 veiculadas em rádios públicas (municipal, universitária e educativa) e 5 experiências em rádios comunitárias (nesta categoria se enquadram: as que se autointitulam “rádios comunitárias”, as rádios com veiculação interna no próprio serviço de saúde, as *webrádios* e as rádios com licença para atuar como rádio comunitária). Em 5 rádios encontradas em nossa pesquisa não obtivemos informações suficientes para enquadrá-las em uma ou outra situação.

Em relação à verificação se as veiculações dos programas ocorrem em emissoras comerciais, públicas ou comunitárias, ainda que esta verificação não estivesse estipulada dentre os objetivos iniciais da pesquisa, os resultados encontrados espontaneamente nos chamou atenção. De acordo com Guerrini Jr (2009), tratando-se de uma rádio educativa, ao veicular um programa produzido por usuários de serviços de saúde, para fins terapêuticos, a emissora estaria “cumprindo um dos papéis que lhe cabe – a de produzir programas de utilidade social, com uma visão reflexiva, crítica e transformadora, realizando, entre outros, programas que deem atenção às minorias”, uma vez que essas minorias, “como as pessoas com transtornos mentais, de outro modo não alcançariam a quantidade de pessoas que alcançam, não fosse um programa de rádio”. Assim como as rádios públicas, as rádios comunitárias são espaços de mediações entre os membros da comunidade que visam articular/conquistar interesses e direitos em comum. Entretanto, vale ressaltar que existem emissoras municipais, estaduais, universitárias e comunitárias que, embora estejam classificadas como educativas, nem sempre apresentam uma programação de cunho educativo. As emissoras comerciais ainda que possam apresentar em sua programação quadros de utilidade pública, não possuem em sua concepção o compromisso de servir comunidades ou grupos identitários, e sim cooptar um maior número de

anunciantes e publicidade visando gerar lucros à emissora mediante interesses políticos e econômicos da classe dominante. Nesse sentido, via de regra, a programação das emissoras educativas devem ser um contraponto à programação das emissoras comerciais (Carmo-Roldão e Moreira, 2004). Portanto, de acordo com o perfil de cada tipo de emissora, nos interessou verificar se as emissoras públicas e comunitárias se destacariam entre as experiências, dada a natureza da atividade pesquisada neste artigo – as oficinas de rádio com usuários de saúde mental. Ainda que maior parte das experiências relatadas tenham ocorrido em rádios públicas/educativas e comunitárias, chamou atenção as três experiências relatadas em emissoras comerciais. Também encontramos duas experiências com *webrádios*, a rádio *Delírio Coletivo* no Rio Grande do Sul, e a *Revolução FM*, no Rio de Janeiro, que inicialmente começou como rádio em baixa frequência, tornando-se posteriormente *webrádio*. Além dessas duas experiências, foi encontrado um áudio da rádio FMIL postado em um site, o que nos sugere que este programa foi veiculado na internet. Esses dados nos indicam a tendência crescente de uso da Internet como importante ferramenta de comunicação e construção de redes sociais.

As maiores ocorrências das experiências com oficinas radiofônicas como terapia psicossocial por regiões foram: 8 experiências no Rio Grande do Sul, 4 relatos localizados no estado de São Paulo, 2 no Rio de Janeiro e 1 relato no Rio Grande do Norte e 1 relato na Bahia.

Supomos que haja outras experiências significativas sendo desenvolvidas pelos setores de saúde mental em todo o Brasil, embora não tenham tido suas atividades registradas pela literatura científica da área. A seguir, o quadro demonstrativo das experiências radiofônicas mapeadas pela pesquisa.

Quadro 1- Experiências com oficinas de rádio e webrádio desenvolvidas com usuários de saúde mental no Brasil relatadas na literatura científica.

NOME DO PROGRAMA/ PROJETO	VEÍCULO SUPORTE	LOCAL	NATUREZA	CLIENTELA/ PRODUÇÃO	IDEALIZAÇÃO	PERÍODO DE OPERAÇÃO
Antena Virada	Rádio	Paracambi, RJ	*	*	*	*
De perto ninguém normal	Rádio	Santa Maria, RS	Rádio Universidade 800 AM	Usuários do CAPS Prado Veppo de Santa Maria, RS	Alexandre Henz e Alfredo Lameira	1999-2000 e 2005-?
Delirio Coletivo	webrádio	São Pedro de Porto Alegre, RS	*	Adolescentes do Hospital CIAPS do Hospital São Pedro de Porto Alegre	*	*
Ondas Paranoicas	rádio	São Paulo, SP	Comunitária Rádio Cidadã	Usuários da Associação Franco Basaglia (ONG) que funciona dentro do CAPS	Edson Fragoaz Grácia Lopes Lima	1995-1997
Papo Cabeça	rádio	Santa Cruz do Sul, RS	Comercial Rádio Gazeta	Usuários do CAPS de Santa Cruz do Sul, RS	*	1999.*
Papo-cabeça	rádio	Amparo, SP	Pública (rádio educativa municipal)	Usuários do CAPS de Amparo, SP	Juarez Furtado	Série de 10 programas com 1h de duração cada Veiculados 2004-2005
Potência Mental	rádio	Porto Alegre, RS	Comunitária	Usuários do CAPS de Porto Alegre, RS	*	2006.*
Programa Cuca Legal	rádio	São Lourenço do Sul- RS	Rádio Comunitária Vida FM	CAPS Nossa Casa em São Lourenço do Sul- RS	*	*
Programa Maluco Beleza	rádio	Campinas, SP	Pública (rádio educativa municipal de Campinas)	Usuários do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira	Prof. Ivete Cardoso do Carmo-Roldão	2000- no ar até hoje
Projeto e rádio Lokomotiva	rádio	Natal, RN	*	*	*	*
Rádio da Gente	rádio	Salvador/ BA	Comunitária	Usuários do Hospital Juliano Moreira	Edna Nonato Amato	1996-2004 (último registro de funcionamento)
Rádio FMIL (antes denominava-se Rádio CAPS)	rádio	Santo Ângelo-RS	*	usuários do CAPS Santo Ângelo, RS	Santo	*
Rádio Revolução	webrádio	Rio de Janeiro, RJ	Comunitária	Usuários do Instituto Municipal Nise da Silveira, RJ	Tais Ladeira, Annibal Amorim	1995- no ar até hoje
Rádio Saúde GHC	rádio	Porto Alegre/RS	Comercial	Usuários do Grupo Hospitalar Conceição (GHC)	*	1994-1995
Rádio Tam Tam	rádio	Santos, SP	Comercial	Usuários da Casa de Saúde Anchieta	Renato Di Renzo	9 anos 1989-1998
Rádio Trovão	rádio	Praia Grande-RS	*	*	*	*

Obs.: As células com \* significa que não obtivemos informações sobre o item.

## Conclusão

Este trabalho serviu para desenhar um primeiro panorama do perfil das experiências de oficinas radiofônicas junto aos usuários de saúde men-

tal no Brasil, relatadas na literatura científica. Com isso julgamos contribuir para dar maior visibilidade e conhecimento sobre o desenvolvimento deste tema.

As experiências mostradas fazem parte de uma busca por terapias substitutivas em saúde mental permitindo conhecer como e onde acontecem as oficinas radiofônicas que fazem parte dessa busca. Ademais, as experiências aqui apresentadas são portadoras de um potencial terapêutico que merecem avaliações mais detalhadas. Se, por um lado, não acreditamos nelas como panacéia para desatar todos os nós da complexidade que envolve o trato em saúde mental, por outro lado, é notável sua contribuição em prol das práticas terapêuticas propostas pela luta antimanicomial.

Além do mais, o direito de ser cidadão dos portadores de sofrimento psíquico também se relaciona com o direito à comunicação que vai muito além de se ter acesso à informação na vida em sociedade. É um lugar de expressão e de afirmação de um sujeito diante de outros sujeitos no qual convergem os princípios da cidadania e da comunicação tendo como referência a reforma antimanicomial possibilitando assim a comunicação entre eles e o enfrentamento dos estigmas e dos preconceitos sociais e culturais que acompanham os portadores de sofrimento psíquico.

Respondendo às perguntas iniciais do artigo, de acordo com a análise das experiências mapeadas no Brasil, os espaços onde ocorrem estas experiências são: inseridos nos próprios serviços de saúde mental (CAPS); fora das instituições, em rádios comunitárias; em emissoras comerciais e através da internet. Os processos pedagógicos pelos quais as oficinas são desenvolvidas passam, em geral, pela busca da comunicação dialógica e participação dos sujeitos, nos permitindo relacioná-las às idéias do educador Paulo Freire. Essas oficinas, por propiciarem espaço de troca, escuta, diálogo e possibilidade de ocupação (trabalho) ao atuarem como locutores, repórteres, entrevistadores, promovem a autoestima dos participantes, socialização e habilidades comunicacionais, uma vez que, ao contar suas histórias de vida, recitar poesias, cantar músicas, falar de seus interesses, de política, direitos, entre outros assuntos, os usuários exercitam a oralidade, objetividade e expressa sentimentos, tornando as oficinas radiofônicas uma verdadeira catarse. Isso não significa que estas oficinas ocorram desprovidas de momentos de

desafios operacionais, conflitos pessoais entre os participantes, dificuldades, entraves políticos e institucionais, o que muitas vezes culminam no encerramento temporário ou definitivo de suas atividades.

Embora não tenha sido o objetivo do trabalho, neste momento, avaliar o impacto ou o resultado dessas oficinas em relação aos objetivos que se propõem alcançar, podemos adiantar que, pelos resultados apresentados, as oficinas têm sido um instrumento auxiliar de grande valia para a reinserção dos sujeitos no seio social e para a desmistificação dos estigmas e preconceitos em torno das pessoas com sofrimento psíquico.

## **Bibliografia**

- Albuquerque, P. & Stotz, E. (2004). “Popular education in primary care: in search of comprehensive health care, Interface – Comunic”, in: *Saúde, Educ.*, v.8, nº15, p.259-74, mar/ago.
- Amarante, P. & Lima, R. (Coord.) (2008). *Loucos pela diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura*. Relatório final. Rio de Janeiro: s.n.
- Amarante, P. (2007). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Calicchio, R. (2007). “Vinte anos de luta antimanicomial no Brasil – arte e comunicação como estratégia de participação e transformação social no contexto da reforma psiquiátrica”, in: *ECO-PÓS*. 10 (1), p.13-21.
- Carmo-Roldão, I. & Moreira, R. (2004). “Maluco Beleza: a experiência de um programa de rádio produzido por usuários da saúde mental”, in: *XXVII Congresso Brasileiro em Ciência da Comunicação - PUCRS. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Porto Alegre/RS. Anais (on line). Porto Alegre.
- Downing, J. (2002). *Mídia radical*. São Paulo: Senac.
- Fachini, F. & Carmo-Roldão, I. (2008). “Maluco Beleza: No Ar, Um Exercício De Cidadania”, in: *Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas*.

- Fortuna, D. & Oliveira, V. (2011). “Identificação Preliminar das Oficinas Midiáticas Utilizadas como Terapia Psicossocial nos Serviços de Saúde Mental no Brasil”. Comunicação Oral in: *Congresso Informação e Saúde Mental da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*. Algarve –Portugal. Disponível em: [Spesm](#). Acesso em 11 de janeiro de 2012.
- Francisco, D. (2009). “Inclusão digital: reflexões em saúde mental”, in: *Revista Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais*. Edapeci. nº 1. Disponível em: [Edapeci](#). Acessado em 28 de julho de 2011.
- Gorczewski, D.; Palombini, A. & Streppel, F. (2009). “Entre improvisos e imprevistos: os modos de comunicar Potência Mental”, in: *Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO*. Disponível em [Abrapso](#). Acessado em 27 de julho de 2011.
- Guerrini Jr, I. (2009). *Loucos por diálogo: um estudo comparativo de programas de rádio produzidos por pessoas com transtornos mentais no Estado de São Paulo*. Faculdade Cásper Líbero. Doutorado em Ciências da Comunicação.
- Hayne, T. (2004). “Rádio de hospital psiquiátrico é o grito que cura pacientes. Oficina 1”, in: *Jornal Mural*. 1 (2). 3º. Semestre de Jornalismo. Informativo das disciplinas Oficina 1 e Planejamento Gráfico, do curso de Jornalismo da Faculdade Social da Bahia. Disponível em: [Labweb](#). Acessado em 28 de julho de 2011.
- Mello, V. (2001). “Papo-cabeça, a experiência de uma oficina de rádio para usuários de serviços de saúde mental”, in: *Anais do 24. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Campo Grande/MS, setembro 2001. Disponível em [Galaxy](#). Acessado em: 19 de julho de 2011.
- Moreira, R. (2008). “A comunicação como reinserção social para usuários da saúde mental: um olhar sobre a TV Pínel e o Programa Maluco Beleza”. Trabalho apresentado na *NP Comunicação para a Cidadania*. VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação. Disponível em [Intercom](#). Acessado em 20 de junho de 2010.

- Oliveira, P. & Melo Júnior, W. (2011). “O entrelaçamento da arte com a saúde mental na região Sudeste”, in: *Anais XV ENABRAPSO*. Disponível em: [Abrapso](#)
- Oliveira, V. (2010). *Condições e contradições da utopia radiofônica comunitária In: O Rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira*. Nair Prata (org.)- Belo Horizonte: Fundac.
- Palombini, A.; Cabral, K. & Belloc, M. (2008). “Dispositivos Clínicos em Saúde Mental: a clínica na cidade entre o acontecimento e a permanência – Do AT à radiodifusão como estratégia de ocupação da cidade”, in: *III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*, Niterói, Rio de Janeiro.
- Peruzzo, C. (s.d.). *Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania*. *Portal Gens*. Disponível em: [Portalgens](#).
- Ribeiro, J. (2003). *A Agência Nacional De Saúde Suplementar E As Políticas De Saúde Mental Direcionadas Para Portadores De Enfermidades Mentais Severas*. Rio de Janeiro. Disponível em: [Ans](#). Acessado em: 14 de julho de 2011.
- Romangnolli, M. (2008). “Rádio Centrinho – uma proposta de implantação de rádio interna como ferramenta de comunicação no âmbito de um hospital público”, in: *InRevista*. ano 3, nº 5, 1Ed.
- Sousa, S. (2005). “Ondas paranóicas: a loucura está no ar!”, in: *Revista IMES*. ano V, nº 10, p. 44-51. Disponível em: [Uscs](#). Acessado em 26 de julho de 2011.
- Streppel, F. (2011). *Potência mental no ar. Exercícios de esquizo-radiofonia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional. Porto Alegre-RS.
- UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) (2005). “Rádio Universidade apresenta “De Perto Ninguém é Normal””, in: *Notícias da UFSM*. Disponível em: [Sucuri](#). Acessado em 28 de julho de 2011.